

# A CONSTRUÇÃO DE LUGARES NO COTIDIANO DE IDOSOS EM INSTITUIÇÕES TOTAIS: SUBSÍDIOS PARA A ATUAÇÃO EM ASILOS<sup>1</sup>

Dolores Galindo<sup>2</sup>  
Ambrosina Marta Paiva<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo discute a construção social de lugares no cotidiano de idosos em um asilo caracterizado como uma Instituição Total. Do ponto de vista epistemológico, o presente trabalho se alia a uma perspectiva construcionista em Psicologia Social, fazendo uso de recursos metodológicos desenvolvidos para análise de práticas discursivas e produção de sentidos. Buscou-se identificar as possíveis estratégias de resistência desenvolvidas pelos idosos. Foram identificadas duas estratégias: uma primeira que consiste no uso da mesa de cabeceira como função de habitar, principalmente, pelas mulheres e uma segunda que consiste na busca por espaços de solidão. Os resultados sugerem que as estratégias adotadas pelos idosos não interferem na dinâmica institucional como um todo, de modo que se constituem práticas de resistência individuais e com pequeno potencial de promover mudanças institucionais. Entretanto, pese a parca força de tais modificações, no contexto de intervenções psicossociais, estas podem ser consideradas importantes aberturas para transformações mais amplas.

Palavras-chave: asilo, lugares, Instituição Total

## INTRODUÇÃO

Todo canto de uma casa, todo ângulo de um aposento, todo espaço reduzido onde gostamos de nos esconder, de confabular conosco mesmo, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um aposento, o germe de uma casa (BACHELARD, 1974).

O presente artigo discute a construção social de lugares como estratégia de resistência, no contexto cotidiano de idosos moradores em um asilo localizado no interior de Minas Gerais, cujo funcionamento segue o modelo de uma Instituição Total. O foco consiste em visualizar estratégias de resistência e de individualização materializadas no espaço físico do asilo. Estudamos, especificamente, mudanças no uso de um artefato cotidiano (mesas de cabeceira) e a busca de espaços de solidão (isolamento em relação às práticas de massificação).

Instituições totais podem ser definidas como locais de residência de um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levando uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1961). Seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social dos moradores em relação ao mundo externo. Instituições Totais colocam uma barreira entre o internado e o mundo externo, de modo que o asilo segue seu ritmo dia após dia, nada devendo atrapalhar a rotina metódica, uma vez que o serviço deve continuar (LOUZÃ *et al.*, 1986). No caso dos asilos, estudos anteriores apontam que a adoção do referido modelo não é uma particularidade da instituição pesquisada, fazendo-se presente em instituições do mesmo estado e de outras localidades (HERÉDIA *et al.*, 2004; YAMMAMOTO; DIOGO, 2005).

<sup>1</sup>O presente trabalho foi desenvolvido com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), que subsidiou bolsa de iniciação científica à segunda autora durante o projeto.

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia Social pela PUCSP, Pesquisadora do Grupo Práticas Discursivas e Produção de Sentidos da PUCSP; Docente da UNIMEP e das Pós-Graduações em Saúde da Família e Enfermagem do Trabalho da Faculdade São Camilo-MG. E-mail: dolores\_galindo@hotmail.com

<sup>3</sup>Psicóloga, especialista em Gerontologia pela PUCMG, Docente da Universidade José Rosário Vellano (UNIFENAS-MG). E-mail: martinha\_paiva@yahoo.com.br

Goffman (1961), a partir das finalidades a que se destinam, identifica cinco tipos de instituições Totais. As primeiras voltam-se ao atendimento das pessoas consideradas incapazes e inofensivas (por ex. lares para idosos, pessoas com deficiência e órfãos); as segundas dirigem-se ao cuidado de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que podem representar perigo à sociedade (por ex. sanatórios e leprosários); no terceiro tipo se encontram aquelas instituições voltadas ao encarceramento de pessoas consideradas perigosas (por ex. prisões); um quarto tipo seriam aquelas cujo confinamento das pessoas se justifica pela realização de determinadas atividades laborais (por ex. navios, escolas internas, colônias e mansões). Por fim, encontram-se as instituições dirigidas àqueles que querem se refugiar do mundo (por ex. mosteiros e claustros).

Lugares, por sua vez, podem ser definidos como apropriações dos espaços, ou seja, locais que tornam os exemplos ocupados. Um local contém muitos lugares que remetem a processos de subjetivação e, no contexto de instituições altamente reguladas, tornam possíveis exercícios de singularização e de dominação. Falamos de elementos organizativos chamados de informais que, ao se materializarem no cotidiano, adquirem formas concretas:

Longe de ser um processo de ocupação voluntária de vazios, a construção social de espaços no lugar é, ao contrário, uma questão de luta e disputa entre privilégios e mecanismos de exclusão. É no lugar que se concretizam, na modernidade, os confrontos entre grupos e facções; é no lugar que se concretiza a sociedade civil (SPINK, 2001, p. 15).

Apesar das rígidas barreiras institucionais, há pequenas fendas que abrem para as possibilidades de constituição de si no âmbito de instituições de longa permanência, por exemplo, os vínculos de amizade (SILVA *et al.*, 2007) e a reflexividade sobre sua condição de saúde (FREIRE, 2005). Interessa-nos o estudo dos lugares à medida que, no contexto de instituições totais, os exercícios de dominação tornam os esforços de singularização elementos discretos e pouco perceptíveis em macro análises. Estudar os lugares, em sua processualidade de construção, supõe lidar com os arranjos informais nos contextos de organizações cujas rotinas são extremamente ritualizadas e repetitivas (SPINK, 2003).

## METODOLOGIA

Num primeiro momento, foi pedido a cada idoso que desenhasse o espaço do asilo. A princípio, eles se mostraram resistentes, argumentando que não sabiam desenhar. A preocupação de todos era com a beleza do desenho, com a forma de se expressarem. A respeito disso, dissemos que o importante não era a beleza do desenho, mas compreender a forma como viam o espaço em que se encontravam. Num segundo momento da pesquisa, pedimos que os idosos nos mostrassem suas mesas de cabeceira e foi solicitada a autorização para fotografá-los junto de suas mesas de cabeceira. Apesar dos participantes terem sido escolhidos por meio de sorteio aleatório a partir da escolha de um quarto a ser pesquisado, todos queriam mostrar suas mesas de cabeceira. Num terceiro momento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os idosos. Pedimos que descrevessem como era seu dia ali no asilo, desde o momento que se levantavam até o momento em que se deitavam. Além dos idosos, foram entrevistados funcionários e o corpo de direção da instituição, sendo utilizada a mesma pergunta.

Um instrumento importante utilizado na pesquisa foi o diário de campo, iniciado em agosto de 2002, que consistiu num pequeno caderno que sempre acompanhou a pesquisadora no qual eram feitas anotações cotidianas. No referido caderno, eram anotados, também, eventos ocorridos fora da instituição asilar, posto que os limites do estar em campo se dão em função dos temas abordados e não das delimitações geográficas (SPINK, 2003).

No que diz respeito à análise do material discursivo, as entrevistas foram estudadas por meio da elaboração de mapas de associação (SPINK, 1999) que consistem em quadros nos quais as entrevistas são transcritas integralmente em colunas feitas a partir de categorias definidas pelo pesquisador. No que concerne aos desenhos, foi elaborado um quadro no qual foram enumeradas as figuras mencionadas segundo sua frequência. E, por fim, o diário de campo foi utilizado para obtermos dados de contexto sobre o cotidiano do asilo, tendo se mostrado um instrumento essencial para o trabalho de análise.

## NARRATIVA SOBRE UM DIA NO ASILO

A Instituição estudada é conhecida como um lar para idosos. O lar foi fundado no ano de 1955, quando chegaram até a instituição quatro jovens freiras com a missão de acolher os idosos e crianças abandonadas, pois de início funcionava naquele local asilo e orfanato. Segundo irmã Mariana, o início do trabalho aconteceu com grandes dificuldades, principalmente de cunho financeiro, pois a instituição era mantida por doações da comunidade local, fato que ocorre até o presente.

O asilo conta com 65 idosos, 10 funcionários e 3 freiras responsáveis pela direção e um médico que visita a instituição periodicamente. Participaram da pesquisa 7 idosos do sexo feminino e 6 do sexo masculino. 6 se encontravam na faixa etária entre 70 e 80 anos e 7 entre 60 e 70 anos. A maioria é proveniente da zona rural, analfabetos e não possuem família (viúvos ou solteiros). Além desses, foram entrevistadas as três freiras que integram o corpo da direção e três funcionários.

Recorrendo ao diário de campo, foi possível construir uma narrativa sobre a rotina asilar a partir da observação realizada entre agosto e dezembro de 2002. O dia na instituição começa cedo. Às 7:00 da manhã todos estão tomando café e logo em seguida vem o banho, que é pouco apreciado pelos idosos, que reclamam do frio. Às 10:30, o almoço é servido para os mais doentes, que não podem comer sozinhos e necessitam da ajuda de outras pessoas. Essa ajuda geralmente vem dos próprios internos, pois os funcionários estão ocupados em servirem os pratos que são postos nos refeitórios para os demais internos. Em seguida, às 11:00, uma sineta avisa que o almoço está servido. Este momento parece ser bastante esperado, principalmente pelos homens, que vão rapidamente para os refeitórios.

Após o término da refeição, os idosos são recolhidos aos seus quartos. Segundo os funcionários, é para que possam descansar. Essa rotina é seguida diariamente, tudo parece automático. Os funcionários chegam e pegam os idosos, sem perguntar se eles querem ir ou não. Estes seguem passivos, porém demonstrando em suas faces a contrariedade pela perda de sua autonomia, impossibilitando qualquer contato que possam ter com pessoas que não estão ligadas diretamente à instituição. Por volta das 13:00, o asilo volta a ficar movimentado. Há o burburinho das conversas nos corredores e *causos*<sup>4</sup> são contados. Ficam na expectativa do café da tarde, que é servido às 14h00min, quando a sineta volta a ser o centro das atenções. Assim que é tocada, aqueles que podem andar correm para o refeitório, e alguns idosos levam café para os mais adoentados. Geralmente é servido café e bolacha. O cardápio não parece variar muito, mas mesmo assim é apreciado pelos velhos. Às 16:00 a sineta é acionada novamente, mas desta vez não anuncia nenhuma refeição e, sim, a hora de rezar o terço. Percebe-se a participação somente das mulheres, os homens não se interessam pela oração.

Por volta das 17:00, a última refeição do dia é servida, consistindo numa sopa de legumes. Os idosos jantam e em seguida vão se recolhendo. Os mais doentes são levados pelos funcionários para seus leitos antes que estes deixem o trabalho. Como o asilo apresenta duas alas, feminina e masculina, conta com duas salas de televisão.

As idosas que vão para a sala de televisão não têm permissão para ligar o aparelho, que só pode ser ligado pelas irmãs. Geralmente, a televisão é sintonizada num canal religioso (Rede Vida). Às idosas mais saudáveis fica a tarefa de arrumar a cozinha ou ajudar no cuidado de uma outra idosa que apresente maiores dificuldades de saúde. Entre os homens, há autonomia – ligam a TV quando há demora ou ausência de um das freiras. Geralmente assistem a canais laicos. Segundo eles, a presença das irmãs na ala masculina é rara, principalmente à noite.

Observou-se que aos homens não é conferida qualquer atividade no cotidiano institucional, apesar de possuírem maior autonomia, como por exemplo, escolher o canal da televisão que desejam assistir e ter menor frequência da direção do asilo na sua ala. As mulheres, quando possuem possibilidade de locomoção, desempenham atividades domésticas.

No fim da tarde, o asilo parece ter o seu momento mais triste. A vitalidade e disposição esboçadas pela manhã estão longe do que é manifestado nesta hora. Os corredores parecem mais sombrios

---

<sup>4</sup>Expressão comum no interior de Minas Gerais que alude a histórias, em geral, de cunho fantástico, contadas em círculos de conversação coletiva.

inundados por um clima de abandono. Inicia-se a noite e todos se recolhem por volta das 20:00 para dormir e amanhecer num outro dia igual ao anterior. Ali, nas palavras das próprias irmãs “não tem querer”, é necessário seguir as regras estipuladas pela instituição. Essa obrigação não apenas coloca o indivíduo no papel submisso, mas também permite que suas ações sofram interferência da equipe diretora (GOFFMAN, 1961).

A porta do asilo permanece sempre trancada. Os internos só podem sair se acompanhados e com autorização das irmãs. O dia no asilo para os internos tem como característica comum o acordar cedo e a oração matinal. Porém, a rotina se diferencia de acordo com os espaços ocupados por cada um. Para os que conquistaram certa autonomia, é permitido sair sozinho da instituição, embora seja necessário ter autorização previa das freiras.

Na maioria das vezes, os idosos que saem da instituição fazem-no para realizar algo a pedido das freiras, como relata um das idosas acerca da descrição do seu dia: “Às vezes a irmã pede para a gente sair na rua eu saio pra ela, pra fazer alguma coisa que ela pede para eu fazer”. Outros ficam em seus quartos e saem apenas para as refeições ou para ajudar outros internos. No final do dia, é comum as mulheres e os homens se reunirem separadamente nas salas de televisão. Em seguida, são conduzidos aos quartos.

Os funcionários, os idosos e as freiras que dirigem a instituição, quando questionados sobre como é um dia no asilo, marcam o tempo pelos eventos da rotina, tal como descrito a partir do diário de campo. Para os idosos, destacam-se o horário das refeições e o desempenho de atividades de auxílio no cotidiano asilar (cuidado com outros idosos, cozinha, etc.), o que também se faz presente nas entrevistas realizadas com os funcionários. Vejam-se trechos das falas de duas funcionárias entrevistadas:

Pesquisadora: Como é o dia aqui?

Funcionária: O dia aqui é assim: a mesma rotina, todo dia a mesma coisa. De manhã o banho é um pouco puxado, depois almoço. Aí, depois do almoço, já vem deitar os acamados e depois até 13:00... Aí levanta tudo, os acamados. Aí serve o café, depois do café, a gente já vai cuidar da limpeza de novo né, todo dia é a mesma coisa.

Pesquisadora: Como é o dia aqui?

Funcionária: Cedo tem que dar banho neles, olhar, dar café que eles não tomam, né. E assim vai o dia inteiro, uma hora um pede uma coisa, outra hora outro pede e você tem que arrumar. Durante o dia a gente cuida deles, do jeito que você vê aí. Tem sempre que ficar perto pra não deixar machucar, principalmente com cigarro, porque às vezes eles colocam em cima da cama e pode queimar a cama, não é? Porque as mãos deles não seguram, a gente sempre tem que estar de olho. E o dia inteiro é desse jeito até na hora de deitar.

No que se refere às freiras responsáveis pela direção, uma das entrevistadas apresenta a preocupação de inserir novas atividades no cotidiano asilar. Trata-se da mais jovem das freiras que atualmente realiza curso de graduação em Pedagogia.

Pesquisadora: que horas?

Freira: Eu gosto de estar com eles, Então na minha semana de rezar o terço, aproveito para jogar bola com eles, aí eu vou motivando, uns não gostam, brigam muito. Ficam bravos, e tem os que gostam, adoram, gostam muito e acham o maior barato, né? Então foi uma conquista pra mim isto, mesmo para valorizá-los mais, mostrar que eles são capazes, né? O tempo todo sem fazer nada, pensando o quê? (...) Então quando eu estou, penso que eles vão ter um dia diferente porque o tempo todo eu estou no meio deles. Dançando, brincando, tem um que fica bravo, ajudo que fica mais bravo ainda para chegar ao limite, né? De repente você consegue mudar, eu penso que eles passam um dia mais alegrezinhos.

Deve-se alertar que, mesmo apresentando um discurso que confere maior autonomia aos idosos, a entrevistada não aponta para participação dos idosos nas decisões mais amplas da instituição ou mesmo na escolha da atividade lúdica a ser realizada.

## MESAS DE CABECEIRA COMO FUNÇÕES DE HABITAR: PRIMEIRA ESTRATÉGIA

O prédio é um casarão grande, com janelas pequenas, cercado de muros e grades. O espaço apresenta características ainda distantes daquelas preconizadas na normativa brasileira<sup>5</sup> a respeito do espaço físico de instituições destinadas a idosos, conforme observado também em outros contextos (YAMAMOTTO; DIOGO, 2002). O casarão está dividido em duas alas, masculina e feminina. Cada ala é composta por quartos, banheiros, sala de televisão, refeitório e pátio coberto. A estrutura física facilita o distanciamento entre homens e mulheres, embora não haja nenhuma orientação tácita neste sentido. Logo na entrada, encontramos uma capela, local de silêncio e oração, freqüentado pelos idosos, principalmente pelas mulheres, e religiosas que dirigem a instituição.

Os quartos são de diversos tamanhos, variando o número de leitos que, por sua vez, são sempre coletivos. O mobiliário é simples, composto por camas e uma mesa de cabeceira para cada interno a fim de que guardem roupas e pertences pessoais. Há também um guarda-roupa, de uso coletivo, ocupando toda a extensão da parede dos fundos. Em cada quarto há um banheiro utilizado apenas pelos ocupantes dos mesmos. A cozinha e a lavanderia servem às duas alas, ficando também em local estratégico, num ponto intermediário entre uma ala e outra.

Os desenhos feitos pelos idosos se centraram nos quartos, nas camas e mesas. O espaço do quarto apareceu nos desenhos de seis membros de um grupo de nove pessoas. Aqueles que não desenharam o quarto ocupavam funções dentro da instituição no espaço desenhado. Por exemplo, a cozinha apareceu no desenho de D. Joana que auxilia na cozinha. A janela, a rua e os carros apareceram no desenho do Sr. Floriano, que passa o dia sentado ao lado da janela olhando a rua. Nenhuma das pessoas desenhou a instituição como um todo, mas pequenos espaços. Foram desenhados lugares construídos em meio às rígidas regras institucionais.

Ao lado de cada cama do asilo existe uma mesa de cabeceira. Simples, pequena, possui apenas uma gaveta e uma porta. É utilizada para guardar roupas e objetos pessoais. Em cima das mesas de cabeceira há várias imagens de santos, flores e presentes recebidos por eles. Na gaveta, são guardados objetos como escovas de cabelo, terço, carteira, etc. No pequeno armário, o espaço é dividido para roupas e sapatos. Uma das idosas comenta que, freqüentemente, arruma e desarruma os objetos ali guardados:

Pesquisadora: Nossa! Você gosta de colocar teus santos aí?

Idosa: É.

Pesquisadora: Hum... Tá bom.

Idosa: Quer ver o que é que tem, aí? [abre a gaveta, mostrando seu interior].

Pesquisadora: Ah... Você guarda você guarda aqui nas gavetas.

Idosa: Olha que anarquia! Eu arrumo, arrumo, as minhas bagunça aqui, depois eu mesmo atrapalho tudo. ((rindo)).

Pesquisadora: Posso tirar uma foto dele?

Idosa: Espera aí deixa eu arrumar...

Pesquisadora: Você vai arrumar ele primeiro? ((rindo)) Então arruma.

No cotidiano externo às instituições totais, as pessoas contam com recursos que atuam como estojos de identidade, permitindo o controle de sua apresentação pessoal. Uma vez nas instituições totais, são despojados de tais insígnias e lhe são designados novos objetos, equipamentos, geralmente, mal ajustados e carentes de singularidade. Como aponta Goffman (1961, p. 29), “o material da instituição dado como substituto para aquilo que foi retirado é geralmente de um tipo ‘barato’, mal ajustado, muitas vezes velho e igual para amplas categorias de internados”. Veja-se exemplo de uma das entrevistas:

Pesquisadora: Qual é o criado da senhora?

Idosa: É aquele ali.

Pesquisadora: Ah, eu posso ver ele?

Idosa: Pode vê, mas não tem nada de bom, não.

Pesquisadora: O que a senhora tem aqui guardado?

---

<sup>5</sup>No Brasil, a Portaria 810, de 22 de setembro de 1989, aprova as normas e padrão para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos. Porém, a adequação tem sido paulatina e, freqüentemente, marcada por situações de violação aos princípios nela estabelecidos.

Idosa: Não tem nada de bom não, só minhas coisas.  
 Pesquisadora: Há! Que tanto de santo...  
 Idosa: É santos só...  
 Pesquisadora: Era da senhora, a senhora ganhou?  
 Idosa: Os outros me dão, eu troco.  
 Pesquisadora: Ah, é? Eu posso tirar uma foto deles?  
 Idosa: Se a senhora quiser, pode...

As mesas de cabeceira para as idosas não correspondem a um mero móvel com gavetas e portas. Nos mapas de associação, dois verbos predominaram como descritores das ações em relação a este objeto – guardar e arrumar. As mesas de cabeceira atuam como lugares para habitar – onde estão guardados objetos, imagens e pedaços de outros espaços. Assim, as mesas de cabeceira são “cantos” do mundo que abrigam devaneios, sonhos e experiências passadas. Veja-se como ilustração trecho do diário de campo:

Era uma tarde comum no asilo, eu caminhava pelo corredor em direção ao refeitório, ao ouvir o som de vozes alteradas vindo de um dos quartos. Fui em direção a ele a fim de tomar conhecimento do que estava acontecendo. D. Ida, uma senhora de mais ou menos 1,40 de altura, com o lado esquerdo paralisado em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral. Estava ali, firme, irredutível diante da irmã administradora do asilo, esbravejando por que sua mesa de cabeceira de cabeceira fora removida uns poucos centímetros do lado da cama (diário de campo, agosto de 2003).

A estratégia de resignificação pode ser compreendida como uma substituição, ou seja, o uso de alguns objetos disponíveis em uma instituição de uma maneira e para um fim que não são oficialmente destinados. Com isto, as idosas modificam algumas condições de vida inscritas nas duras rotinas das instituições totais. Pode haver modificações físicas no artefato ou apenas um contexto ilegítimo de uso. Por exemplo: é possível fazer uma faca a partir de uma colher, usar cadernos de exercícios para apostas, acender cigarros através de faíscas provocadas numa tomada de luz. Tais substituições variam quanto às modificações ativas que efetuam no cotidiano, podendo ir de substituições pouco perceptíveis ao comércio informal visível pela movimentação econômica e proposição de hierarquia institucional (GOFMANN, 1961). Veja-se um exemplo de entrevista:

Idosa: Aqui é meu criado.  
 Pesquisadora: Eu posso conhecer ele?  
 Idosa: Pode, uai!  
 Pesquisadora: É... O quê que você guarda aí?  
 Idosa: Eu guardo só roupa.  
 Pesquisadora: Eu posso ver como que ele é?  
 Idosa: Como que ele é?  
 Pesquisadora: É... Abre pra eu ver...  
 Idosa: Tem roupa minha, calçado... Olha aí. Minha roupa é arrumadinha... Eu que arrumo, olha aí.  
 Pesquisadora: Ah... Você que arruma?  
 Idosa: Aí... Tá vendo, tá arrumadinho... Agora você pode tirar.

Tal construção de lugar não figura na observação do cotidiano dos homens. O uso das mesas de cabeceira como função de habitar consiste em uma pequena resistência que se opera no plano micro de uma relação entre pessoa e objeto. Um dos idosos utiliza a mesa de cabeceira para guardar objetos considerados valiosos, um segundo o deixa vazio e um terceiro o utiliza para guardar roupas e pôr sobre ele pequenas embalagens de tabaco. Veja-se exemplo de uma das entrevistas:

Pesquisadora: Qual é sua cama?  
 Idoso: É aqui.  
 Pesquisadora: Ah, é aí. E o seu criado, qual é?  
 Idoso: É ali.  
 Pesquisadora: De lá? Mostra pra mim?  
 Idoso: Mostro.  
 Pesquisadora: O que o senhor guarda aqui?  
 Idoso: Nada.  
 Pesquisadora: Ah... Você não guarda nada aí? E as tuas roupas?  
 Idoso: Tá pra dentro (aponta o guarda-roupa).

## RECANTOS DE SOLIDÃO: SEGUNDA ESTRATÉGIA

Quando a pesquisadora pediu aos idosos que falassem dos lugares preferidos na instituição, foi possível identificar uma segunda estratégia de resistência aos processos de mortificação do eu – a constituição de lugares de solidão. Dos seis entrevistados, quatro deles salientaram o desejo de estarem sozinhos.

As duas pessoas que não mencionaram tal estratégia responderam que preferiam ficar, uma delas na cozinha, onde desempenha atividades, a outra indicou o alpendre sem explicitar os motivos de tal escolha. Veja-se trecho ilustrativo retirado da entrevista feita com uma das idosas:

Pesquisadora: Aonde que você gosta de ficar aqui? Por exemplo, se alguém viesse procurar você, aonde que ia te achar? Dentro do asilo, que lugar que você gosta de ficar?

Idosa: Na cozinha, porque eu tenho que pegar leite pra irmã.

Pesquisadora: É o lugar que você mais gosta de ficar.

Idosa: É

Pesquisadora: Por quê?

Idosa: Porque eu tenho que fazer uma coisinha, fazer outra...

Veja-se trecho do diálogo com a entrevistada que explicou gostar de ficar no alpendre. Não há justificativa do motivo e, logo, passa a outro espaço – o salão:

Pesquisadora: Não, eu tô falando aqui no asilo, tem algum lugar aqui dentro que a senhora gosta de ficar?

Idosa: Às vezes eu gosto de ficar lá no alpendre, aqui.

Pesquisadora: Por que a senhora gosta desses lugares?

Idosa: Às vezes eu fico lá no salão.

As seis pessoas que utilizam a estratégia de constituição de espaços de solidão selecionaram diversos lugares que tinham em comum estar longe do barulho feito pelos demais internos, que os incomodava. Um dos idosos diz preferir estar no banco no jardim a fim de se distanciar. Veja-se trecho ilustrativo:

Pesquisadora: Quando alguém vem aqui... Você aqui no asilo, aonde que ele te encontra aqui dentro... Aqui no asilo?

Idoso: A que se encontra aqui no, no quarto ali, fica sentado ali, triste: pensando na vida, imaginando, meu povo não vem tudo aqui, ((risos)) é...

Pesquisadora: Tem algum lugar que você gosta de ficar aqui?

Idoso: Tem... Eu gosto de ficar lá naquele banco do terreiro.

Pesquisadora: Por quê?

Idoso: Parece que a gente fica com a idéia mais fresca, aqui é uma barulhada a hora de almoço, uma brigaiada assim ((risos)) que só vendo, mais é muito barulho, a gente não foi criado assim ((risos)).

Uma idosa afirma preferir ficar no quarto para estar longe do povo que “grita demais”. Quando não está no quarto, diz preferir estar, ainda que só por um pequeno espaço de tempo, na ala masculina:

Pesquisadora: Aonde que você fica mais aqui? Por exemplo, se alguém chegar aqui para conversar com você aonde que te acha?

Idosa: É sempre aqui. Sabe por que eu não gosto de ficar perto desse povo? Porque eles gritam demais e eu não gosto de grito.

Pesquisadora: Aí você fica sempre aqui no quarto?

Idosa: Eu tenho que ficar aqui. Alá essa coitadinha que entrou ali [aponta para uma usuária do asilo que está entrando no quarto] ela não tem acordo com o... Mas ela grita a noite inteirinha na cabeça da gente. Quem é que agüenta? Ela dorme lá naquele cantinho lá, e tem que pô a grade, se não pô a grade ela quer pular, ela quer sair.

Pesquisadora: é só aqui que você gosta de ficar ou tem outro lugar que você gosta de ficar?

Idosa: Não... Às vezes eu fico lá pra baixo também, não no meio dos homens.

Pesquisadora: Onde?

Idosa: No meio dos homens eu não gosto, eu fico sentadinha na pontinha daquele banco lá no refeitório nosso, onde nos almoça.

Pesquisadora: Cê gosta de ficar lá?

Idosa: Às vezes eu fico lá quando ta muito calor eu sento lá um pouquinho.

Pesquisadora: Por quê?

Idosa: Mas fico só um pouquinho.

Pesquisadora: Mas tem algum lugar que você gosta de ficar mais assim?

Idosa: Não, ali também tem uma porção de cadeira, eu fico sentada ali também, eu vou pra lá.

A mesma busca de um espaço longe de muita gente se faz presente na fala de outra idosa:

Idosa: Aqui.

Pesquisadora: No quarto?

Idosa: Em qualquer lugar, às vezes quando posso, eu vou lá pra baixo costurar lá. Consertar roupa deles aí.

Pesquisadora: Mas tem um lugar que você gosta de ficar mais?

Idosa: Um lugar que eu gosto? Tem que eu gosto... Assim não gosto de ficar assim junto com muita gente.

Pesquisadora: Não?

Idosa: Não.

Os espaços de solidão funcionam no sentido contrário à massificação característica de uma Instituição Total. Por meio do refúgio, busca-se a singularização, ainda que esta seja acompanhada pelo isolamento. Buscam-se pontos de repouso na difícil rotina mortificadora.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver em uma Instituição Total impõe compromisso e adesão. No vínculo estabelecido, há regras e concessões que determinarão modos de agir e de ser de um sujeito envolvido no cotidiano institucional (GOFFMAN, 1961). O espaço físico marca os limites de ação dos moradores por meio da fixação de possibilidades e restrições à circulação. A construção social do espaço não é um processo de ocupação voluntária, mas sim uma questão de disputa e luta entre privilégios e mecanismos de execução (SPINK, 2000).

Lugares são espaços de confronto entre pessoas, à medida que integram processos de singularização e de dominação. O espaço seria um contexto ou um elemento principal a ser considerado nas ações? Inclina-mos a pensar que se trata de um elemento central no seio de uma Psicologia inserida nos processos do cotidiano. Uma Psicologia que “não olha como se fosse através de uma janela de vidro fechado que separa de um lado o indivíduo (texto) e de outro o contexto, sem dúvida esta psicologia terá muito a aprender e desaprender” (SPINK, 2000). Esforços vêm sendo feitos em organizações formais e informais para que a Psicologia leve em conta o contexto no qual as pessoas estão inseridas (BATISTA, 2006). As respostas não estão dadas, mas é nítida a fertilidade de tais searas de pesquisa, especialmente no campo das instituições de longa permanência caracterizadas como asilos.

Os idosos e as idosas efetuam pequenas transformações visíveis no uso de objetos ou na atribuição de sentido a determinados eventos cotidianos. Buscam se diferenciar em estratégias de isolamento – solidão e pequenas substituições na função simbólica do mobiliário. Uma simples mesa de cabeceira se transforma em espaço de singularização no contexto. A observação do cotidiano possibilita-nos focalizar as possíveis resistências dos idosos às rígidas disciplinas e mortificações do eu, características deste tipo de instituição – micronegociações de sentidos que se materializam no espaço, na maioria das vezes, invisíveis do ponto de vista da análise macro institucional.

Por que atentar para estes microprocessos? Em que podem contribuir para as ações concretas desenvolvidas nas instituições? Por meio da visibilidade de pequenas mudanças, evidencia-se a potência para a constituição de lugares não apenas individualizantes, mas também coletivos e geradores de novas sociabilidades. Pesquisas sobre a construção social de lugares podem vir a apresentar contribuições importantes para a atuação de psicólogos no interior das instituições, dentre as quais podemos mencionar o planejamento e a adequação de espaços físicos (NERI, 2004). Mesmo instituições caracterizadas por rotinas de mortificação escondem práticas de resistência junto às quais intervenções, que tomam como ponto de partida a atividade cotidiana das pessoas idosas na construção de lugares, podem ser desenvolvidas.

## THE CONSTRUCTION OF PLACES IN THE DAILY LIFE OF OLD PEOPLE AT TOTAL INSTITUTIONS: SUBSIDIES FOR ACTIONS IN ASYLUMS

### ABSTRACT

This article discusses the social construction of places in the daily life of old people at an asylum featured as a total institution. From a constructionist perspective on social psychology, we adopt methodological resources developed for the study of discursive practices and making of sense. In every day life at a total institution, we tried to identify the possible resistance strategies developed by the old people, focusing at the physical space of the institution it was possible to identify two strategies, the first one that consist in using the bed-side table as a living function, mainly by the women and a second one that consists in searching for loneliness spaces. The results suggest that the strategies adopted by the elderly do not interfere on dynamic institutional as a whole, as the way an institutional practical resistance is made and with a small potential to promote institutional changes.

Key words: asylum, places, total institutions

### REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Victor Civita, 1974.

BATISTA, N. **Pegando fila... Contando um pouco da cotidianidade do trabalhador desempregado na cidade de São Paulo**. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social. São Paulo, 2005.

BRASIL. **Portaria 810 de 22 de setembro de 1989**. Publicada no Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília D.F. p. 17297-17298, set. 1989.

BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília; 1994.

FREIRE, R. *et al.* A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v. 9, n. 16, p. 147-158, set. 2004/ fev. 2005.

GOFFMAN. E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

LOUZÃ N. *et al.* O idoso, as instituições totais e a institucionalização. **Revista Paulista Hospitais**, São Paulo, v. 34, n. 7, p. 135-143, jul./set. 1986.

MERLOTTI, H. *et al.* (2004) A Realidade do Idoso Institucionalizado. **Textos sobre Envelhecimento**. Rio de Janeiro, v.7, n. 2, p. 9-31, jul./dez. 2004.

NERI, A. L. Contribuições da Psicologia ao Estudo da Velhice no Brasil. **RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 69-80, jan./jun. 2004.

NERI, A. L. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressa no estatuto do Idoso. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 16, n. 34, p. 7-24, set. 2005.

SILVA, C. *et al.* Vivendo após a morte de amigos: história oral de idosos. **Texto contexto - enfermagem**. Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 97-104, mar. 2007.

SPINK, M. J. (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, P. A forma do Informal. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 99-107, mar.1989.

SPINK, P. O Lugar do Lugar na Análise Organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, São Paulo, n. 5, Ed. Especial, p. 11-34, jan. 2001.

*Interseção*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 21-30, abr. 2008.

SPINK, P. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v.15, n. 2, p.18-42, jul./dez. 2003.

YAMAMOTO, A.; DIOGO, M. Os idosos e as instituições asilares do município de Campinas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 5, p. 660-666, set./out. 2005.

Data da submissão: 30/1/2008

Data da aprovação: 7/2/2008

ARTIGO